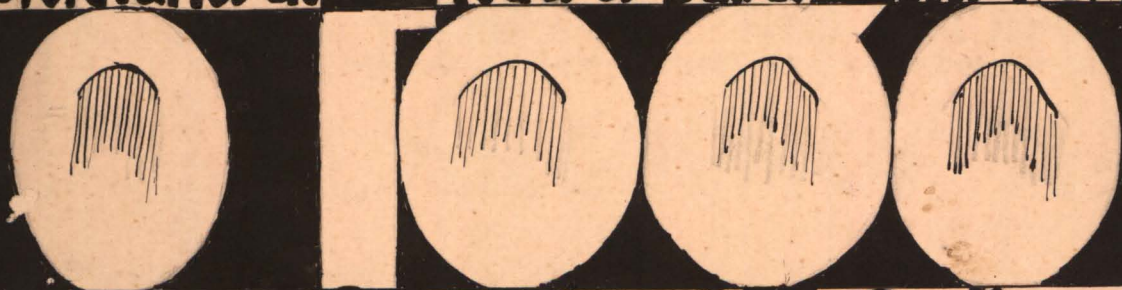


proletários de todos os países **UNI-VO!**



abr. 1936



n: 5



revista teórica da célula comunista
da fortaleza de Peniche

Ho. C. B. E. do S. V. I., oferece a célula b. das prunas de
Paviche



Secretariado

ABRIL DE 1936

ANO-1.º N.º - 4

O FOGO

GES
PCP

“ALARGUEMOS A FRENTA POPULAR”



A crise económica que arrasta assustadoramente para a miséria, milhares e milhares de operários e camponeses obriga o capitalismo a procurar uma nova e inconsciente saída — A guerra.

O conflito italo-etíope e outros que não tardam a surgir são o prelúdio da sua ofensiva contra a humanidade explorada do mundo inteiro. Todas as tentativas para conseguir confiança e paz na Europa, têm sido goradas, desrespeitando-se mutuamente os compromissos inter-nação, o que aliás sucede vulgarmente no campo do fascismo.

Os incitamentos de luta contra a U.R.S.S. e China Soviética estão na ordem do dia; as campanhas infames contra a crescente revolução espanhola são outra preocupação dos imperialistas ingleses, alemães, italianos e franceses que constan-

tamente se perguntam: para onde marcha a Espanha? A Espanha marcha para a conquista dos seus direitos vitais! Nada conseguirá, deter a força revolucionária da “frente Popular” que saberá sem dúvida, impedir todas as tentativas reaccionárias do clero e do fascismo. Descansem os jornais burgueses, (“Século,” “Notícias,” etc.) aos quais o governo fascista português e até mesmo os imigrados espanhóis estão pagando avultadas quantias, que jamais verão realizados os seus criminosos desejos. O povo saberá repudiar enérgicamente as calúnias lançadas diariamente contra as sombras negras do fascismo: U.R.S.S. e a Revolução espanhola.

Não menos atacada tem sido a “frente Popular” francesa, que serena e confiadamente impõe o respeito pelas liberdades do povo, desmascarando rigorosamente as manobras dos fascistas, que

procuram numa fase desesperada desagregar os trabalhadores. As próximas eleições têm servido de base aos mais infames comentários contra o P. C. Francês e heroica "Frente Popular." Atento a estas manobras o povo francês está unificado para a luta decisiva que se avizinha. Ele saberá na hora própria pôr à prova as suas históricas qualidades revolucionárias.



* * *
 Não foi em vão que Dimitroff lançou o seu vibrante apêlo aos povos trabalhadores e oprimidos para a realização imediata de unidade de acção contra o fascismo e a guerra. O intento do seu histórico discurso pronunciado no VII Congresso da I.C. despertou novas energias revolucionárias. Por nós, que vivemos diariamente perseguidos pela sanguinolenta ditadura fascista de Carmona-Salazar, também ele foi ouvido. A "Frente Popular" em Portugal está organizada, torna-se necessário e urgente alargá-la.

Para ela devem ser recrutadas tôdas as massas trabalhadoras e anti-fascistas.

Sabemos já de muitas adesões à "Frente Popular;" haveno da parte dos organismos

que o têm feito uma firme vontade de lutar pelo derruamamento da ditadura e conquista das reivindicações imediatas expostas no programa mínimo da "Frente Popular." O nosso Partido ingressando nela confirmou a justiça da sua linha política revolucionária e demonstrou a sua inabalável vontade de lutar contra o fascismo.

Não sucedeu isso com a C. G. T. que regeitou formalmente o convite que lhe foi feito mantendo-se na falsa posição de sempre. A nós, presos pela luta contra o fascismo, contristou-nos bastante essa atitude embora saibamos que muitos cegetistas estão dentro da "Frente Popular." Julgamos o momento azado para os trabalhadores se unirem; julgamos que pela unidade de acção podemos pôr termo à fome e à miséria que assolou país de norte a sul; julgamos que depende dos trabalhadores a queda do fascismo e o impedimento da guerra; julgamos que tôdas as reivindicações de caracter político ou económico só podem ser conquistadas pela luta comum dos operários e camponeses. Pensando desta forma, acertada quanto a nós, continuaremos sem desfalecimentos convidando todos para o alargamento da "Frente Popular." Não vacilaremos um só momento. Tôda

a nossa actividade consiste em es-
treitar o mais possivel as ligações com
o exterior na prisão. A todos os re-
cantos povoados e centros de aglo-
meração de massas, onde temos pa-
rentes ou amigos devemos fazer
chegar as nossas estimulantes car-
tas, pondo a descoberto todas as
manobras do fascismo. Por inter-
médio delas, convidaremos to-

dos sem distincão de crenças
políticas ou religiosas a in-
gressar na "Frente Popular"

Na prisão nada se pode fazer, con-
trapomos este critério ra-
cional:

"Na prisão muito se po-
de e deve fazer para o alar-
gamento da "Frente Popular."



Um decreto fascista

Ejei do conhecimento do
proletariado português, o
decreto governamental
que institue obrigatória-
mente em todas as escolas,
a cruz com o Cristo, como símbolo
de uma religião que servirá de ba-
se a toda a educação nas escolas
do país.

Se eras protestante ou professa-
vas outra religião, ou não professa-
vas nenhuma, tenas, contra a tua
vontade e do teu cérebro, contra
aquilo que até agora se havia
guardado respeito em Portugal —
a liberdade de consciéncia — de ver
os teus filhos estudarem sob o signo
duma violência sem igual.

Com o novo decreto do Es-
tado Novo e com o decorrer do
tempo criar-se-á entre ti e os
teus filhos, um abismo tremendo.
Quer dizer, eles pensarão na
sua doce inocéncia a ser educa-
dos por processos jesuíticos e
por isso, a ser um producto dessa

educação, contra a qual só uma
acção enérgica e decisiva por par-
te dos trabalhadores poderá reá-
dir.

Se for levada à prática essa
manobra de reacção burgueso-
clerical, que se oculte por detrás
dos "hormens da ordem" do res-
peito pela família" e tantos outros
charões que caracterizam os fas-
cistas do Poder, os teus filhos
crescerão fisicamente, é certo,
mas atrofiar-se-ão de espirito!
De hormens livres, úteis, conscienciosos
que tu podias criar dos teus fi-
lhos, o "Estado Novo" fará simples
máquinas de produção, escravos
para azorragar, seres de cabe-
ca óca para quem a vida se
resumirá a uma degradante
sujeição ao seu senhor!

Da juventude, em que a hu-
manidade põe os olhos ansiosa
do seu concurso cheio de ardor e
desempoeirado, dessa juventude
berbica que Lenine disse ser "a

chama mais pura e mais ardente da Revolução", propõe-se a burguesia clerical-fascista, a fidalga inimiga do proletariado revolucionário pelos Salazares, Carmotas, e C.^ª fazer a mais dócil bosta de carga, para regalo da sua barriga a vida do S^ñor dos trabalhadores, para satisfação dos seus vícios mais depravados!

Em Portugal, os trabalhadores, depois da fome a que foram votados pelos governantes fascistas da Ditadura Carmona-Salazar, recebem corropção de espírito, a mais dura bestialização do cérebro dos seus filhos! Pimreiro, a deformação física pelo desemprego e pela fome; depois, a deformação mental pelo ensino jesuítico a cargo de reacionários sem escrúpulos para quem os fins justificam os meios por mais miseráveis que sejam!

É esta a moral do Estado Novo!
É esta política jesuítica do fascismo temos de opor a nossa reacção de trabalhadores conscientes que não querem os seus filhos transformados em monstros com forma humana!

Se tanto for preciso, recorre-mos a protestos junto das câmaras locais exigindo delas um ensino livre de influências dogmáticas.

Lede o Grupo, Grupo Central do Partido C. Português



NÓS, PERANTE FACTOS

A Ditadura fascista de Carmona-Salazar & C.^ª está a fazer dez anos de existência que representam meio século de atraso na nossa civilização.

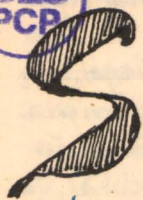
Perante tal facto uma coisa se nos depara. Quem tem sido nesse caso o sustentáculo de tal quadrilha anti-civilizadora? Evidentemente, nós, o povo português, derivado ao grande número de vacilantes que ainda existem.

Quem têm sido os mais sacrificados e explorados da maneira mais miserável? A laboriosa massa operária e camponesa! Então, em dez anos, ainda se não libertaram de tais verdugos? Não! E porquê? É fácil de explicar.

Tem havido nestes dez anos diversas tentativas, mas tudo tem falhado porque é só, e simplesmente, filho das más organizações que têm constituído, e é então agora que reconhecendo este e outros erros, que se resolveu criar a "Frente Popular" organismo capaz de nos libertar das garras fascistas. E para
(continua na pág. 16)

5 TERRORISMO E LUTA DE CLASSES

GES
PCB



em uma vanguarda de luta e sem uma teoria revolucionária é impossível pensar a sério no triunfo da classe proletária e, portanto, nas suas conquistas económicas e políticas. Por isso, o Partido representa para o proletariado maior que, na posse de uma concepção materialista da luta de classes, será capaz de lançar as massas no caminho da Revolução.

que se imponha perante os que o cercam. Não pode, certamente, representar o movimento emancipador dos povos, um indivíduo que o não dignifique.

Ligado intimamente à massa, o Partido deve procurar subordina-la à sua disciplina preparadora, educando-a revolucionariamente. Os problemas mais sérios do operariado só serão satisfeitos quando o Partido traga consigo a massa capaz de os realizar. Mas o que entendemos nós por disciplina? A disciplina não é apenas o cumprimento das deliberações vindas de cima, não é o conceito estreito da obediência cega, mas também o raciocínio sobre determinados actos que brigam com a nossa conduta moral e com o prestígio do nosso Partido. Necessitamo-nos "educadores operários das fabricas e car" para podermos depois a dos campos, necessitam ver mais sério tratar da educação dos que longe que aqueles que fazem parte da sua classe, precisam colocar-se à frente das suas aspirações mais próximas, dar-lhes realização, estar munidos dum plano revolucionário, necessitam conhecer a estratégia e a tática que levam até à meta final - a Revolução.

Os filiados dum Partido como o nosso, recrutando entre os melhores operários das fabricas e car para podermos depois a dos campos, necessitam ver mais sério tratar da educação dos que longe que aqueles que fazem parte da sua classe, precisam colocar-se à frente das suas aspirações mais próximas, dar-lhes realização, estar munidos dum plano revolucionário, necessitam conhecer a estratégia e a tática que levam até à meta final - a Revolução.

Pela tenacidade com que combatemos, pelo sacrifício com que sofremos as perseguições, pela nossa posição na oficina onde sempre devemos ser os primeiros, pelo amor ao estudo e ao trabalho, pela maneira

com que tratamos os nossos camaradas, pelos mais pequenos actos em pleno acôrdo com a moral proletária, conseguindo criar à sua volta a atmosfera propícia para fazer do nosso Partido um verdadeiro partido de massas.

E sempre bom, e nunca devemos hesitar, bolchevizar as nossas fileiras, quer dizer, limpar-las de elementos provocadores que venham lançar a indisciplina no nosso seio. Dentro da ilegalidade, principalmente, essa limpeza torna-se mais necessária. O trabalho ilegal requiere meticoloso cumprimento de determinadas regras, que a experiência transportou até nós, como necessárias e bolcheviques.

Assim, devemos ter o máximo cuidado com a língua não contando a ninguém o que se passa nas nossas fileiras, nem mesmo aos nossos amigos mais íntimos; nas reuniões não aparecer com elementos estranhos a estas; não falarmos na rua com camaradagem, principalmente quando vão acompanhados com pessoas estranhas, demonstrando sempre, com a nossa indiferença, que nada temos que ver com eles; não usar muitas vezes os mesmos locais de reunião, nem chegar antes de hora marcada; não esperar mais de cinco minutos e quando nos notarmos perseguidos devemos despistar o seguidor. Du-

três métodos de trabalho temos a seguir, tais como: o de usar sempre pseudónimos, não dizer a ninguém: "sou comunista", "pertença ao Partido".

Acompanhando a luta ilegal, completando bom trabalho de dignificação do Partido, a nossa posição ante o terrorismo individual, deve ser de combate ardoroso.

O terrorismo que predominou na Rússia com o nome de nihilismo, na conseguiu modificar a ordem de coisas vigentes nessa altura. Por cada violência da parte dos nihilistas correspondiam outras mais ferozes da parte do "exarismo". Os resultados da acção directa têm sido sempre desvantajosos para a classe operária. Recordemos o atentado a Afonso XIII, feito no dia do seu casamento pelo anarquista Morral que originou uma perseguição aos elementos revolucionários.

Mussolini, quando atentaram contra a sua vida pela primeira vez, arranjou motivos para assassinar operários que tinham dado provas de combatividade. A morte do inimigo da classe operária, quando ela não é feita por massas, lança o desprestígio nas nossas fileiras. E torna mais aguda a nossa situação.

A imprensa burguesa leva ao mais humilde fugarejo a notícia dum atentado feito por um comunista, apodando-o

com os mais irrisórios adjectivos.

Os operários e os camponeses, duvidosos sobre o caminho a tomar, perante este estado de coisas, perante a expectativa da imprensa capitalista, procurariam ver através dum prisma contra-revolucionário.

O descarrilamento de Santa Iria, apenas resultado da falta de elementos que realizariam uma obra grevistica revolucionária, foi explorado pelo "Seculo" e pelo "Diário de Notícias".

Querer localizar o despotismo social num ou mais individuos que fazem parte do governo, é ignorar o movimento revolucionário e a luta de classes.

Apenas os anarquistas, afas todos da realidade das coisas, procuram destruir, por meio de atentados pessoais, a ordem social existente. Matar a policia que nos quer prender, é praticar um acto que merece a repulsa dos militantes consciences.

Não só lança o descrédito nas nossas fileiras como também não salva esses elementos de cair nas mãos da policia.

E, coisa singular, em vez de dois, três ou quatro anos que se pode estar prêsô, alcançamos de vinte a vinte e oito anos de condenação e com prejuizo para o Partido.

O uso de armas de fogo, mesmo que não nos sirvamos delas, origina uma maior condenação e mais "pancadaria".

Apenas é aconselhavel o uso de armas, pistolas ou revólveres — não contando os movimentos revolucionários — em "comícios nelampagos" para com elas desarmar a policia; mas só desarmar. O movimento revolucionário, o factor do triunfo da classe operária, a passagem para a sociedade comunista, consegue-se com a acção colectiva das massas, dispostas ao sacrificio e à luta.

Sem ela, sem essa acção colectiva, apenas com actos isolados, é irrisório pensar em triunfos.



OS NOSSOS Colaboradores.

Chamamos a atenção dos camaradas que escrevem para "O Fogo", no sentido de se preocuparem com assuntos teóricos, porquanto a revista é de orientação teórica e revolucionária. O Secretariado

Máscaras deixo!

Os actuais inquisidores da leboriosa população portuguesa, já tão fartos de oprimir as suas vítimas, pretendem ver se mudam de rótulo, para assim arranjar, ou ver se arranjam, novos métodos de aniquilação.

É no fim de tanta miséria e tirania que têm feito em prol do fascismo que querem fugir agora à responsabilidade, de serem fascistas, ou para melhor, fingir que o não são.

Seria impossível, e era um absurdo acreditarmos em tal, não vamos muito longe, no "Diário de Notícias" de 30-3-936, na secção "semanária", a certa altura, diz: "Portugal fascista", tal como lá está, vemos noutra parte do mesmo jornal, na página da frente, também reproduzida a fotografia de dois inocentes, e então, a acompanhar um extenso artigo intitulado: "Realizou-se ontem o plebiscito alemão", Ora isto até fica muito bem neste jornal, é deveras simpático. Como vemos, acima está "fascista" entre comas, o que representa desinteresse em o não serem e o resto é o

que se vê, páginas e mais páginas de propaganda retintamente fascista; dá-nos a impressão de que andais a brincar às escondidas com a vossa personalidade!

Isto é uma leve impressão que demais sabe a gente que levais a vida a jogar a bilharde com um pausinho de dois bicos.

Mas, cavalheiros e senhores fascistas, a hora é nossa! Recordais tarde! Não podeis negar que é esta a vossa última etapa, o fascismo. Portanto, escusado será máscaras e confusões! Que tem desido os eternos retrógados e eniquiladores da humanidade, sabe-o toda a gente; o que é o vosso fruto também todos o sabem: que tem sido fome, miséria e escravidão.

E então, caros senhores, assumam as responsabilidades que lhes cabem e não venham ludibriar os inocentes que tão ignorantemente lhes têm encoberto os crimes. Duma coisa vos podeis convencer: a emancipação da humanidade vai por etapas; esta que estamos atravessando é a vossa que para nós, embora vos pareça que não, tem

(continua na pág. 14)

A FRENTE POPULAR

GES
PCP

Juventude e a Juventude Comunista.

Us teóricos «ortodoxos» do movimento operário tentam demonstrar que a linha dos Partidos da Internacional Comunista está bem longe de ser a mentora verdadeira da livre emancipação das massas exploradas, dada colaboração «desejada» com os partidos da pequena-burguesia.

Longe por ignorância ou por pensamentos qual assimilados, da realidade atroz da nossa época, não querem compreender que ante nós se ergue o monstro hediondo do fascismo, pretaçador da guerra com o seu estendal de infâmias, arrancando ao proletariado todas as suas antigas conquistas, esmagando com ferocidade os seus cuccios de libertação.

A pequena-burguesia em Portugal, esmagada pelos monopólios económicos, sentindo perfeitamente os efeitos duma política serventúria dos consórcios e trusts, procura a porta de saída que a conduzirá ao aniquilamento do fascismo por meios violentos.

Lénine, continuando admiravelmente o movimento ideológico

lógico unificado e concretizado por Marx e Engels, falando-nos da classe com que actualmente temos firmado um pacto de luta, diz-nos:

«A pequena-produção engendra a burguesia e o capitalismo constantemente, em cada dia, em cada hora, em cada instante, espontaneamente em proporções massivas».

Pelo seu próprio esforço revolucionário quindada ao poder, tendo aniquilado o partido de Salazar, era certo que sentiríamos de novo um assenso capitalista com as anernas condições que as actuais.

A acção do Partido, deixando á ausos firmar uma plataforma de luta com os partidos republicanos, obedecia, como actualmente obedece, não só ao controle sobre a pequena-burguesia para a realização de determinadas tarefas, previamente acordadas, mas também para o aniquilamento do fascismo, inimigo sanguinário que esmagou com fúria as últimas conquistas democráticas.

Só a linha marxista-leninista da Internacional Comunista

Podem arrastar a classe média a uma colaboração activa com o proletariado português, fazendo-a seguir os novos métodos de luta e a nossa táctica revolucionária, utilizando-a, pondo-a ao seu serviço, até que ela se funda no seu seio, abraçando-se para sempre à sua causa, correndo os riscos do combate e adquirindo uma mentalidade essencialmente proletária.

Não abdicamos em ponto algum, na nossa ausência pela conquista do poder quando marchamos até determinada altura com os republicanos que pretendem derrubar a Ditadura.

Os nossos fins não os escondemos. Somos pela democracia dos soviets e até lá não pararemos um minuto sequer no nosso combate, esclarecendo, concretizando, elaborando a nossa acção comum com as massas operárias desejosas de alcançar a inteira recompensa do seu titânico esforço.

O «Século» de 25 de Abril, referindo-se à Frente-Popular em França diz-nos, salpicando a notícia com o seu ódio fascista e com os laivos de realidades que nós ratificamos:

«A propaganda comunista transformou-se como se verifica, por ordens recebidas de Moscovo. Ao subterfugerem com os partidos burgueses um programa comum, relativamente moderado, os

«socialistas, comunistas, sindicalistas e anarquistas (?), não renunciam a serem porém as suas doutrinas e aos seus planos. A penas que, sem adaptar-se momentaneamente, às necessidades da preparação eleitoral, base de uma operação pré-revolucionária que se chega a arrastar os republicanos os levará para as piores aventuras. É essa a nova táctica da terceira internacional que simula um desejo de tranquilizar as esquerdas burguesas, para que assumam a responsabilidade das medidas que devem preparar o terreno para a obra de desagregação social.

«Os marxistas não ocultam o que pretendem fazer».

A nossa missão revolucionária na «Frente Popular» está explicada e ninguém que tenha desejos honestos de compreender as tarefas do Partido Comunista, poderá dizer que nos afastamos da linha marxista-leninista.

A unidade de acção e contra o fascismo e a guerra tomada como a realização fructuosa do VII Congresso da Internacional Comunista, coloca ante a juventude as seguintes tarefas coerentes que se precisam materializar.

Vítimas das contradições burguesas, sofrendo as consequências da guerra, lançados no mar

tuanultuoso da vida que o fascismo cobriu de pauque de miséria e de luto os jovens sentem dolorosamente o peso da situação actual.

As amplas camadas juvenis das massas laboriosas serão chamadas a cobrir as vagas dos exércitos que serão arrastados ao front, para a defesa do fascismo português, fiel serventário do imperialismo britânico; o clarim soará, impelindo-os à ebaeiua e ao saque.

Esauagada pela exploração desenfreada da burguesia capitalista, a juventude sofre na oficina e nos campos esta desigualdade intolerável, sem direitos, aniquilada pela fome, sem cultura nem regalias.

As portas das escolas, do liceu e das universidades estão fechadas para os filhos dos operários, não só pelas suas condições económicas, mas também pelas reformas perfeitamente fascistas tendentes a tirar todo o ascenso dos camaradas pobres da população, condenados à mais abjecta ignorância.

A juventude Comunista deve marchar na vanguarda do movimento operário juvenil, na sua luta contra o fascismo e a guerra. Da sua linha clara e precisa, da sua decisão e disciplina, no combate defende em frente, a parte futura da Revolução

Toda a actividade da juventude

deve girar em volta dum amplo esclarecimento da exploração fascista, no sentido de fazer penetrar na massa as responsabilidades que cabe a este pela situação económica que disputam, acentuando que sem a sua colaboração tudo continuará como antes.

Dimitroff, no VII Congresso da I.C., concretizou nestes termos o trabalho da juventude.

« A tarefa principal do movimento comunista da juventude nos países capitalistas é a de marcar intransigentemente na via da realização de frente-unica na via da organização e do agrupamento da jovem geração trabalhadora.

As reuniões das juventudes comunistas devem ter por todos os meios, para o agrupamento de forças de todas as organizações comuns de toda a espécie, para a luta contra o fascismo, contra a espantosa ausência de direitos e a militarização das juventudes, pelos direitos económicos e culturais da jovem geração, pela reunião, ao lado da Frente Anti-Fascista dessa juventude onde quer que ela esteja, nas empresas, nos campos de trabalhos forçados, nas bolsas de trabalho, nas casernas e na marinha, nas escolas ou nas diversas organizações desportivas, culturais e outras. Desenvolvendo e reforçando a juventude comunista, os novos jovens comunistas, devem trabalhar para a

criação de associações anti-fascistas de uniões comunistas e socialistas de jovens sob a plataforma da luta de classes.



A MONGÓLIA EXTERIOR



República Popular da Mongólia Exterior é um vasto território, com uma superfície de 2.484.000 quilómetros quadrados e com uma população de 2.600.000 habitantes, aproximadamente. Está situada no continente asiático, sendo limitada ao norte e noroeste pela Sibéria; a sudoeste pelo Turquestão oriental; a sul pelo deserto de Gobi; e a este pela Mandchúria.

Antes da Revolução Popular, a Mongólia era um país feudal. As massas trabalhadoras eram vassallos dos senhores feudais, vivendo sob um regime de escravidão e opressão muito semelhante ao da Rússia czarista.

A Revolução destruiu a dominação dos príncipes e sacerdotes budistas, e expulsou do território mongol os comerciantes japoneses e russos que parasitavam infamemente as massas trabalhadoras da Mongólia.

O poder político passou para as mãos do proletariado. As terras, as minas, os montes, os rios, foram socializados. As dívidas foram anuladas. O Estado foi

separado da Egipt, nacionalizado o comércio exterior, criado um exército próprio, anulados todos os títulos de nobreza e prerogativas da mesma e implantada a completa igualdade nacional, religiosa e de sexo, para a população trabalhadora.

Foi desta revolução que surgiram as maiores figuras do movimento revolucionário mongol, tais como Suchebatov, falecido em 1924, era um dos primeiros chefes do movimento revolucionário; Amor, actual presidente da república; Gendun, seu primeiro ministro; é o homem que deu salvo a Mongólia nos seus momentos críticos; Devide, actual comandante do exército vermelho mongol; Tschaiabaltov, ex-chefe de guerrilhas e actual ministro da agricultura, etc.

Adriega, industrial e comercialmente, a Mongólia é um país pouco importante em virtude dos seus territórios estarem na sua quasi totalidade ocupados pelas areias do deserto de Gobi.

Por esta razão, também este país, tem sido pouco conhecido na história, pelo menos,

é a Revolução Russa de 1914.

Todavia, desta data em diante, a Mongólia converteu-se repentinamente, num dos primeiros pontos estratégicos da luta contra a União Soviética.

Não é a primeira vez que a Mongólia Exterior tem necessidade de opôr-se aos desejos de conquista das potências estrangeiras. Entre 1914 e 1921, teve que sustentar luta contra os barões von Ungern-Sternberg, que enviaram tropas de cavaleiros brancos, pagas e armadas pelo Japão para converter a Mongólia num estado anti-soviético.

Mas, os guardas brancos dos barões von Ungern-Sternberg, foram derrotados e expulsos, graças à campanha de luta desenvolvida pelo «Partido Popular Mongol», que efectuou um movimento revolucionário de libertação nacional.

Nestas lutas o exército vermelho mongol foi auxiliado por algumas forças do exército vermelho da União Soviética.

O objectivo do Japão nesta época, era unir os povos mongóis habitantes da regiões do Chelkol, Tschahar, Kailur e outras regiões situadas a oeste da «grande muralha» com os povos da Mongólia Interior, para os lançar depois em luta contra a República Popular da Mongólia e também contra a aliada, a União Soviética.

No entanto, e apesar desta derrota, o Japão não perdeu as esperanças de conquistar a Mongólia, e tem redobrado os seus esforços, cada vez mais, no sentido de conseguir o objectivo desejado.

Porém, hoje, já não é simplesmente o desejo de combater a U.R.S.S. que leva os imperialistas dominadores da Ásia Oriental a pretendida conquista da Mongólia.

Hoje é mais do que nunca, a Mongólia — em virtude da sua situação geográfica — converteu-se num óptimo ponto estratégico. Nela reside a morte da dominação imperialista no Extremo Oriente.

— E qual a razão porque isto assim é?

— Porque a China Soviética, constitui actualmente um grande perigo para o imperialismo, apesar de estar isolada.

O Japão, a Inglaterra, os Estados Unidos, a França e tantos outros países capitalistas que possuem domínios na China, vêm desde 1925 e duma maneira constante e regular, perdendo esses domínios à medida que os territórios da China Soviética vão alastrando.

E tão colossais têm sido as conquistas feitas pelo exército vermelho chinês que actualmente a sua fronteira nor-

te encontra-se a cerca de 450 quilômetros da fronteira sul da Mongólia Exterior, esperando-se dum momento para o outro a colagem fronteiriça dos dois países socialistas.

É precisamente esta colagem, que os imperialismos estrangeiros não podem tolerar nem levar à paciência, por que isso representa a sua morte imediata.

É também por saber isto, ou melhor, é por saber que uma vez ligados estes dois países, fica o caminho aberto e livre entre a China Soviética e a U.R.S.S., que o Japão iniciou a pouco uma campanha na China, por intermédio da qual conseguiu colocar grande parte do seu exército na região conhecida por Mongólia Interior, afim de em companhia do exército mandchú, destruir a República Mongol, atacando-a simultaneamente pelo sul e este, e impedir a ligação entre a China Soviética e a U.R.S.S. ...

— Mas... será isto possível? ...

— Não sabemos, no entanto podemos afirmar o seguinte: embora não seja ainda uma república socialista, o certo é que a República Popular da Mongólia, tem mantido desde a sua formação a mais estreita amizade com a União Soviética.

É mais: o exército vermelho mongol, é um exército disciplinado e bem armado. Dispõe de moder-

nos aviões de guerra e peças artilharia pesada e tanques. Os seus comandantes estão magnificamente instruídos. E se os japoneses ou os seus vassallos da Mandchúria ou da Mongólia interior, tentarem pisar a fronteira da República Popular, o exército vermelho mongol, apoiado por todo o povo disposto a defender a sua liberdade e auxiliado pela sua poderosa aliada, a União Soviética, fará perder ao agressor os seus desejos de conquista.

Máscaras Abaixo!



(Continuação da pág. 8)

proveito, tem tido bastante. Tem sido nesta época, que nós aquêles que sinceramente nos temos lançado na luta, sem recearmos a vossa opressão, temos aproveitado o tempo instruído-nos o melhor possível, para que amanhã vamos agir libertando das vossas garras adunças, a massa operária camponesa que tão selvaticamente tem sido "acarinhada" por vós. O tempo passa e o dia aproxima-se de pôr termo este estado de coisas tão miseráveis, e a vossa época chegou ao "cáos", o fascismo morreu na canga.

Camaradas anti-fascistas!
Nem mais uma hora de opressão não vacileis, ingressai todos na frente-Popular! A emancipação dos trabalhadores é obra dos mesmos trabalhadores!

POLÍTICA ALEMÃ

GES
PCP



paraíso nazista, a política do roubo e da mentira que nos últimos anos tem à força de armas avassalado o proletariado alemão, —

pois é no seio do mesmo que tem escolhido as suas vítimas — acaba de sofrer mais algumas decepções que lhe proveem o caminho errado que tem trilhado e pretende seguir. Para nós, proletários anti-fascistas, não podem de forma alguma passar despercebidas estas pequenas-grandes verdades, que a imprensa burguesa pretende esconder nas suas entrelinhas e tanto mais que alguns desses protestos contra as anomalias cometidas pela nefasta política de Hitler, não enviados por indivíduos que, embora liberais, são fundamentalmente burgueses. De todos esses protestos, dois há que merecem a nossa maior atenção.

Éidos. Primeiro — Os trabalhadores ingleses e a situação de Thaelmann.

Londres, 15 — Partiram hoje para Berlim dois deputados trabalhistas para apoiarem pessoalmente o pedido formulado por 108 parlamentares britânicos de todos os partidos para que se realize o julgamento público do comunista Thaelmann ou

para que este seja posto em liberdade. («Diário de Notícias» de 15-4-936) Isto diz-nos camaradas que os espiritos liberais, embora burgueses, lhes repugna a erianiora e exagerada violência praticada pelos lacaios do ditador nazi, que pretendem a todo o custo, eliminar nas suas responsabilidades o nosso querido camarada e grande orientador do P.C.A., Thaelmann. Segundo. — Os prêso políticos alemães. —

Londres, 16 — A Federação dos Mineiros do Sul do País de Gales resolveu hoje pedir ao chanceler Hitler, em nome de 15000 mineiros que representa, a libertação imediata de Thaelmann e dos demais prêso socialistas e políticos alemães. («Diário de Notícias» de 17-4-936).

Mostra-nos também este telegrama camaradas, que o proletariado inglês, embora vivendo mais desafogadamente, não descura os tormentos por que estão passando os seus mais acérrimos defensores. Em Portugal, como em França, como em quasi todos os países, alguma coisa se tem feito a favor das vítimas do nazismo e em especial de Thaelmann. Devemos lembrar-nos que em julho de 1935, os nossos camaradas prê-

dos no Aljube sofreram o castigo de um mês de incomunicabilidade, por enviarem ao ministro da Alemanha o seu protesto contra a prisão de Thaelmann. E de todos estes protestos, que a primeira vista nos parecem improficuos, alguma coisa tem brotado de útil, pois é por influencia dos mesmos, que a própria burguesia liberal inglesa agora se manifesta. Daqui devemos tirar a lição de que embora fracos e tendo cometido quasi todos os direitos de cidadãos, ainda para alguma coisa servimos. Avante sempre. O segundo ponto geral do programa alemão é o que se refere á sua politica externa. Atungida pela crise da super-produção, que gera o desemprego e tendo necessidade da conquista de novos mercados, para colocação dos seus productos, aflita ainda pelo excesso de população, problemas estes que não podem ter solução numa sociedade capitalista, lança-se já no exterior da agonia na conquista de territórios, procurando assim manter mais uns anos a burguesia usurpadora; daí a sua occupação militar da Polónia e a mira-gem na usurpação de territórios coloniais, apegando com tais pretensões lançar novamente o mundo na mais

viriosa luta devoradora de vidas — a guerra capitalista. Contra esta sua attitude se tem manifestado quasi todas as nações e organizações operárias. Todas estas manifestações, todos estes protestos, bastariam para fazer recuar outro governo que não fosse uma ditadura fascista agonizante.

Porém Hitler não desarmaná porque na guerra que prepara, espera encontrar a salvação da sua utópica politica. Nós porém, embora não sendo videntes especializados, não nos refuzgna acreditar que esse golpe, será a morte do fascismo. As organizações operárias, devem no entanto esforçar-se, para pôr uma forte barreira a esse cataelismo.



(Continuação da pag. 4)

tal é necessário que todos nós, antifascistas, engrossemos as suas fileiras.

Para o conseguirmos, uma coisa se nos depara como prioritária, o derrubamento do fascismo! E não é dispersos ou individualmente que o conseguimos.

Só unidos como um só homem, e organizados e orientados pelo comité da Frente Popular conseguiremos a materialização do programa da mesma, que são as nossas reivindicações justas e humanas.

Não hesiteis! Organizai o futuro de vossos filhos!!!



Atitudes...

Muitos camaradas há, que por vezes irreflexivamente tomam atitudes incompatíveis com a nossa linha revolucionária. Quasi sempre essas atitudes degeneram em violentas discussões.

Não são raras as vezes que o secretariado tem chamado a atenção desses camaradas não só no sentido de os corrigir como também para formar uma forte moral no Partido. Aceitam as nossas razões e terminam sempre dizendo: está bem. Reconheço que erre e de futuro deixarei de proceder assim. Porém, de corridos alguns dias voltam à mesma e as queixas para o secretariado da célula continuam.

No seu plano de trabalhos o secretariado mostrou a indomável vontade de reorganizar a célula pondo sob aviso todos os membros. Não olharemos a pretendidas e imaginárias superioridades, originárias tantas vezes de atritos.

Não queremos privar seja quem for de discutir. Pelo contrário, queremos que se façam conversas relativas a vários problemas que sejam da actualidade ou não, sendo de pre-

ferência os últimos mas ao fazê-las devem pôr em movimento o cérebro e não os nervos. Há camaradas que se ocupam pessimamente com a sua supremacia e quando a razão não está ao seu lado não só deixam de reconhecerem como desbaratam estupidamente. Isto mostra claramente que há a eterna preocupação de "vencido" ou "vencedor". O mais interessante é quando qualquer camarada usa do bom senso e chama a atenção para estes procedimentos, ouve imediatamente esta horrorosa frase: eu sou senhor das minhas acções. Há até quem vá mais longe e diga: para ser comunista é fazer trebalho para o P. Não é preciso ser filiado. Ora isto é um absurdo.

No primeiro caso devemos dizer o seguinte: um camarada que ingressa no Partido deixa de poder fazer o que quer e entenda. Todas as nossas acções estão estreitamente ligadas às afirmações partidárias. Se assim não fôsse o que seria o Partido? Que moral tinham os seus membros para dizerem às massas: nós somos os justos; nós conduzimos o proletariado à vitória? Deixemos as interrogações para fazermos

afirmações. No segundo, nós só consideramos comunistas capazes de fazer trabalho "directo" para o Partido os que neles se encontram filiados. Devemos até, desmascarar enérgicamente aqueles indivíduos que sem qualquer responsabilidade no Partido andam fazendo organização por conta própria, porquanto não pas-

sam de agentes provocadores. O que aqui fica dito será suficiente para esclarecer algumas perguntas que nos fazem e será também uma advertência aos que não sabem manter a calma necessária no decorrer das várias palestras ou questões ligadas com a prisão.



Critica e Auto-Critica

Toda a critica é, para os bolcheviques, a mais eficaz e cooperativa dos processos de análise.

Nenhum erro, nenhum desvio, pequeno ou grande, resiste à sua acção, sempre que empreguemos com as suas características principais, isto é, com o objectivo de pôr a claro a causa e o efeito, de anular a friqueira e atenuar quanto possível o segundo.

Ela nos demonstra porque erramos, como devíamos ter procedido para obstar a isso, as consequências de tal ou tal acção, até que ponto elas influirão ou podem vir a influir sobre o individuo isoladamente ou sobre a sociedade.

Muitos preconceitos subsistiram sem a acção dela.

Há pois, que usá-la sem-

pre, pois, embora, aos espiritos demasiadamente susceptíveis.

Se é certo que todos reconhecemos as vantagens, não o é menos a ver que, quando alvo dela, procure algar o fardo, a seu modo de ver tão pesado, e isto porque colide, em muitos casos, com um amor próprio exacerbado e inextinguível, sem se dar em conta que o sentimento que os leva a repudiá-lo é um facto que dele mais necessita.

A critica não pode ser feita duma forma pequeno-burguesa, influenciada por factores desta ou daquela ordem, redicularizando; ela deve ser feita com simplicidade sinceramente, com os fins que atrazcitamos; mas também não pode ser aceite olhando-a através dos olhos da mentalidade.

lidade burguesa, um estandão à mercê do amor próprio do personalismo, do «eu» elevado ao máximo, do crítico ante si do criticado.

Por outro lado, outra influência importante se nos apresenta e é, sem dúvida, um poderoso factor de preparação revolucionária — a auto-crítica.

Podemos nós, por acaso, errar e deixarmos que o silêncio caia como a pedra de um sepulcro sobre o nosso erro e suas consequências? Queremos que não. Pois bem; a auto-crítica não tem outro fim que o de por nos nós próprios a claro os erros cometidos. Ela é tanto mais eficaz, quanto é certo que os desvios demonstrados, analisados por quem os cometeu, são uma prova conclusiva de que tal facto não se repetirá e mostra uma elevada compreensão no espírito revolucionário que anima os comunistas.

Estes dois pontos não têm sido até hoje encarados pela base como trabalhos aos quais devemos ligar a máxima importância. Pois, por cada trabalho levado a cabo por qualquer escalão a crítica e a auto-crítica devem entrar em acção como revelador sobre o negativo.

Os camaradas responsáveis em todos os escalões devem chamar para este assunto a atenção de todos os filiados, contribuindo assim para o levantamento da consciência revolucionária das nossas fileiras.



ESTUDO

Não são poucos os camaradas que negam e até discutem a eficácia da leitura.

Para eles os livros não têm valor algum e raramente os têm e quando o fazem é mais por curiosidade que propriamente pelo interesse que os livros lhes despertem. Temos combatido este péssimo conceito e continuamos a combatê-lo até que se desarreije completamente dos espíritos menos lúcidos.

Somente pelo estudo, os indivíduos, qualquer que seja o seu sexo, podem conseguir determinar dos elementos que os conduzirão sem dúvida à verdade. Por seu intermédio esclarecemos o cérebro e deixamos de fazer afirmações erradas que quasi sempre, senão sempre, constituem a base de exasperadas e inúteis discussões que não podem nem devem realizar-se entre nós.

Sem o estudo será inteiramente impossível criarmos uma mentalidade revolucionária, afim de nos defendermos dos nossos inimigos ideológicos.



Repressão fascista...

Foram precisamente cinco de, onde permaneceram aprò-
 meses, no dia 11 de Abril, ximadamente três meses no hor-
 que os famigerados da rival "Segredo" do Aljube, daí
 "Policia de Informaçõs", atirados para a prisão-túmulo
 julgaram torcido o de Angra, onde estão sofren-
 golpe fatal no "Partido do as mais horripveis torturas
 Comunista Português" e vexames morais.
 prenden-
 do José de Sousa, Bento Gon-
 çalves e Fogaça.

Havia já alguns anos que a policia farejava por todos os pontos da cidade, para os conseguir prender.

Quando caía nas mãos deles algum camarada responsável do Partido, ofereciam-lhes avultadas quantias de dinheiro para lhes dizerem onde paravam esses camaradas, oferecimen-
 tos esses sempre em vão. Até que no dia 11 de Novembro, con-
 seguiram realizar os seus in-
 fentos, dando assim um ru-
 de golpe — mas não fatal —
 no nosso Partido, que ficará
 gravado na história do proleta-
 riado português.

José de Sousa e Bento têm sido os mais destacados mi-
 litantes da classe operária; ê-
 les têm dado todo o seu esfôr-
 ço pela causa proletária, dando
 exemplo digno de bolcheviques.
 Êstes camaradas ao caírem nas
 mãos da policia, foram horri-
 velmente espancados e atira-
 dos para a incomunicabili-
 da-

Bento Gonçalves acabou há dias de receber a nota de cul-
 pa para ser julgado em Angra.
 O açougue dos anti-fascistas está-
 se preparando para se deslocar
 a Angra e julgar Bento, José de
 Sousa, Fogaça e tantos outros
 anti-fascistas que se encontram
 naquela masmorra por julgar.
 Se não houver uma forte reac-
 ção de parte das massas traba-
 lhadoras, devemos desde já con-
 tar que são mais três camara-
 das condenados a prisão per-
 pétua, como tantos outros que
 lá se encontram.

Submetidos ao mesmo regime
 prisional encontram-se alguns an-
 ti-fascistas que já terminaram as
 penas a que foram condenados,
 continuando ali ilegalmente pre-
 sos, submetidos ao terror fas-
 cista que predomina naquela
 parte do Atlântico. Entre êles
 os camaradas Alpedrinha, Quiri-
 no e mais que agora não nos o-
 corne.

Virando-nos para a metrópole,
 passando uma vista d'olhos por Pe-

niche, Governo Civil e Aljube, vamos

encontrar camaradas nas mesmas condições, como por exemplo o camarada Alfredo Caldeira que já terminou a pena há oito meses encontra-se actualmente no enfermaria do Aljube para ser submetido a um intervenção cirurgica, porque o seu estado de saúde é bastan-

te critico. Assim podeis vós ver a demagogia do fascismo: forja as leis e logo a seguir, são eles quem as deturpam.

Mais que nunca a luta pela amnistia deve estar na ordem do dia: a vida dos anti-fascistas presos, mais que nunca, corre risco! Há, portanto, que salvá-los.

A CURTA e do

FASCISMO

GES
PCP

apesar dos aparentes esforços demonstrados, após a hecatombe de 14, pelas potências imperialistas e democracias-parlamentares burguesas, para evitar o perigo de uma nova carnificina, — em pactos, conferências e livros mais ou menos sinceros, — a perspectiva dum conflito armado, partindo do Oriente ou do Ocidente, afigura-se-nos inevitável e parece desenhá-se já no céu nebuloso da politica internacional...

Os últimos acontecimentos desenrolados — não falando na preterita guerra Bolivo-Paraguaiense, que foi nada menos que uma luta financeira travada entre duas importantes companhias petrolíferas, uma americana, outra indíesca — provam-nos, mais uma vez, exuberantemente, que as guerras são sempre possíveis, aparte todas as vontades humanas, no século XX como no ano 2000, logo que perdurem e subsistem

os regimes de propriedade privada, existentes desde as primeiras conquistas do homem através da História...

A revolução de Cromwell, a de 1789, e principalmente a de 93, abriram novos horizontes no destino dos povos, e muitos julgaram, conseqüentemente, que a felicidade e a harmonia, desde essa data passariam a ser um facto consolidado.

Nada disso! — Os principios — sagrados da Revolução Francesa, além de nunca passarem de vapas aspirações ideológicas, tiveram a sua época, — fracassaram.

As democracias de estilo século XIX, retintamente burguesas, morreram; e se alguns pontos teimaram ainda em persistir, a sua vida é efémera e o seu êxito será tão trágico como o dos precursores, Danton e Robespierre.

Derrubou-se o feudalismo;

instituiu-se na estrutura das sociedades como lei fundamental, a liberdade política e religiosa de cada indivíduo, etc; — não discutindo agora se se tem ou não cumprido, à regra, esses princípios básicos — mas, paralelamente, surgiu uma outra aspiração — a liberdade económica, e é essa com que os povos actualmente se debatem.

Depois do rescaldo de 1914, Wilson preconizou uma era de concordância colectiva, em cujas bases se edificou a "celebríssima" S. D. N.

Nesse período histórico o mundo acreditou piamente no advento dumra época de felicidade, esquecendo-se porém que o primordial factor dessa felicidade ambicionada, indica, não na política externa de cada nacionalidade, mas sim, na interna — a questão económica. Esta questão importantíssima, sob todos os aspectos, que muitas não querem admitir, por snobismo ou falta de visão, criou desde a Comuna de Paris, duas classes absolutamente distintas, e o seu respectivo antagonismo — a luta de classes.

A burguesia ciente do valor dessa classe oposita, — organizada em princípios do século XX, pela dialéctica de Marx-Engels, — alarmou-se, sobremaneira.

Até esta data — que devia

vincular a bancarrota do capitalismo — as massas laboriosas, guiadas por ideologias utópicas, sem programa, sem finalidades concretas, pouco ou nada inquietavam os poderes constituídos, que até se aproveitavam, por fim, do sentido mais ou menos "poético" dessas reivindicações para iniciarem uma escola literária, que por longo tempo embalsou o sonho platónico dos explorados.

A revolução russa de 1917, sangrenta e implacável, modificou por completo o cenário internacional, sacudiu corre violência brutal o arcaboio corroído da Europa Central e Ocidental.

Calaram tronos, implantaram-se repúblicas avançadas...

O proletariado, encorajado pelo soviétismo, ululou, no campo e nas cidades, no som da "Internacional".

Porém, mesmo assim, os próprios operários como os governos imperialistas, não acreditavam na vitória do Socialismo, como instituição...

Aquela experiência de Lénine, marcaria o desmoronamento definitivo do sonho de uma sociedade sem classes...

A história, todavia — ao contrário de todos os vaticínios — demonstrou dumra vez para sempre a força do

proletariado como classe dominante, e o declinar precipitado de uma civilização...

Do alto do Krémliu e das montanhas fluidas da Crimeia, os trabalhadores da União Soviética proclamaram em unisono o seu "ultimatum" revolucionário:

"Proletários de todos os países: Uniram-se!"

Dai a consequência em matéria do fascismo, em todas as suas múltiplas facetas. Dai a corrida vertiginosa — depois do curto interregno criado pelo Tratado de Versaillles ao rearmamento, por parte das potências beligerantes e imperialistas, como o Japão, a Alemanha, etc.

Entretanto, a desmedida industrialização das nações mais progressivas, a remessa para a inactividade de milhões e milhões de homens e mulheres.

A crise... e a fome e a propícia ao desenvolvimento das ideias comunistas, triunfantes já numa sexta parte do globo... A burguesia impotente para resolver o caos económico em que se lançava inadvertidamente, põe-se à alerta!

E então que surgem os Hitleres e os Mussolinis "como por encanto"...

A única saída para superar as muitas misérias inter-

nas e externas que essa política motivou — é a guerra, só a guerra!

A Itália depauperada e faminta atira-se num salto de leão sobre os territórios da Etiópia, o secular império do Rei dos Reis.

A Alemanha reage e avança inesperadamente pela zona desmilitarizada da Renânia, violando o pacto de Locarno, ao mesmo tempo que prepara em silêncio, uma invasão para o lado da fronteira de Este.

Esta última façanha guerreira, levada a efeito pelas tropas de Mussolini, deu o golpe de misericórdia no areópago de Genebra, que a U.R.S.S. num gesto brioso tentou ainda equilibrar, baldadamente.

A Itália debate-se agora na mais tremenda das crises económicas, mas abriu o caminho para audácias futuras das parites dos governos imperialistas.

O Japão, a Alemanha, a Polónia, a Grã-Bretanha e todos os outros países fascistas, prepararam activamente a luta armada contra o antigo império dos Romanoffs, hoje pátria de todos os trabalhadores.

Simultaneamente, na América do Sul e na Europa, especialmente em Espanha, e França, o proletariado galinha terreno de uma maneira "assustadora".

Proletários!

A burguesia pretende jogar assim o dinamo da re-

volução marxista-leninista, Com a guerra ou sem ela, os nossos fusis, camaradas operários, estarão prontos contra o inimigo comum — o fascismo!

Lutai contra o fascismo!
Lutai contra a guerra!



a nossa imprensa



A medida, que a cultura revolucionária e intelectual dos nossos camaradas vai aumentando, vai-se notando um maior número de colaboradores para os nossos órgãos prisionais, "Fogo" e "Boletim". Assim podemos verificar que no primeiro e no segundo número da nossa "revista" só colaboraram só dois outros camaradas, enquanto que neste último já colaboraram nove, mostrando-nos assim um grande aumento no nível da cultura revolucionária dos nossos camaradas.

Estamos bastante satisfeitos com este progresso da maioria dos nossos camaradas desta fortaleza embora não seja ainda o bastante, pois que se encontram ainda alguns camaradas que podendo escrever para os nossos órgãos não o fazem.

chamamos pois a atenção a esses camaradas para que de futuro não suceda.

Contas

Receitas:

| | |
|---|--------------|
| Saldo do mês de Março..... | 3490 |
| Auxílio voluntário para despesas do "Fogo" e "Boletim", da caserna n.º 1..... | 4480 |
| Idem, da caserna n.º 2..... | 11400 |
| Soma..... | <u>19470</u> |

Despesas:

| | |
|---|--------------|
| Material para o confeccionamento do "Fogo" e "Boletim"..... | 16495 |
| Saldo para o mês de Maio..... | 2475 |
| Soma..... | <u>19470</u> |

